



Conservação de tartarugas marinhas

“DAS CERCA DE 300 ESPÉCIES DE TARTARUGAS QUE EXISTEM, APENAS SETE ESPÉCIES SÃO MARINHAS.” TEXTO: OCEANÁRIO DE LISBOA / FOTOS: NUNO LOUREIRO E CAROLINE ROGERS

As tartarugas são animais que desde sempre fascinaram o Homem pelo seu aspecto, longevidade e, nas últimas décadas, raridade. Mergulhar na presença destes animais é uma experiência marcante. Observar a graciosidade da sua natação e a sua beleza é um momento que nunca se esquece. Tal como não se esquece a história de vida destes animais, que habitam os oceanos há milhões de anos.

As tartarugas marinhas são répteis que surgiram há 100 milhões de anos. Resistiram às drásticas mudanças da Terra que levaram a extinções em massa de inúmeras espécies, entre as quais

os dinossauros. No entanto, a sua aparência e forma de vida pouco mudaram até à actualidade.

As tartarugas marinhas estão bem adaptadas à vida no meio aquático: a carapaça baixa e hidrodinâmica, as barbatanas dianteiras largas e achatadas para a natação, e as traseiras que funcionam como lemes são algumas das características que lhes permitem viver há tanto tempo no mar. Têm sangue frio e a sua pele está coberta por escamas. Como respiram por pulmões, as tartarugas marinhas sobem à superfície para respirar de 15 em 15 minutos. No entanto, podem permanecer submersas, em repouso e sem respirar, mais de 1 hora. As tartarugas

marinhas podem mergulhar até profundidades superiores a 200 metros e atingir velocidades de natação superiores a 20 km/hora. A sua vida é marcada pelas migrações de muitos milhares de quilómetros, em especial durante o início da fase juvenil, geralmente ajudadas pelas correntes oceânicas. Mais tarde permanecem em zonas costeiras, onde abunda o alimento. A dieta é diversificada, ao longo da sua vida, dependendo das águas onde se encontram.

Das cerca de 300 espécies de tartarugas que existem, apenas sete espécies são marinhas. Estas pertencem a duas únicas famílias: Dermochelyidae, com uma única espécie representada, a tartaruga

de-couro (*Dermochelys coriacea*), e Cheloniidae, que inclui seis espécies com a carapaça dura. Algumas das características biológicas diferem entre as espécies. Para a maioria, a época de reprodução começa várias semanas antes da época de postura, podendo dois ou mais machos cortejar a mesma fêmea, ocorrendo o acasalamento no mar. A idade de início da reprodução difere entre as espécies. Por exemplo, a tartaruga-de-pente (*Eretmochelys imbricata*) começa a reproduzir-se entre os 20 e os 35 anos, a tartaruga-comum (*Caretta caretta*) entre os 20 e os 30 anos e a tartaruga-verde (*Chelonia mydas*) entre os 25 e os 40 anos.

A maioria das fêmeas adultas volta à praia onde nasceu, ou a uma praia muito próxima, para aí depositar os seus ovos. A época de postura ocorre nos meses mais quentes do ano, e as fêmeas podem fazer entre uma e nove posturas por época, em intervalos de aproximadamente 15 noites. O número de ovos de cada postura varia entre 50 e 200 e a incubação dura entre 45 a 70 noites, dependendo da espécie e das condições ambientais. Um facto curioso é que a temperatura da areia determina a proporção de machos e fêmeas que eclodem. Ninhos com temperaturas mais baixas originam um maior número de machos, e um valor médio de 29°C corresponde a proporções de machos e fêmeas aproximadamente iguais. A temperatura dos ninhos varia com a exposição solar, o arejamento e a humidade da areia e a profundidade a que estão os ovos. Apesar do número de posturas e de ovos depositados em cada época, a mortalidade das crias é muito elevada e apenas uma ou duas em cada mil sobrevivem até à idade adulta.

As tartarugas marinhas sofrem diferentes ameaças que, associadas à mortalidade das crias e ao facto de cada fêmea adulta ter um só ciclo reprodutivo cada 2 a 3 anos, colocam quase todas as espécies na lista vermelha da União Internacional para a Conservação da Natureza. Só a tartaruga-plana, *Natator depressus*, não está incluída nesta lista, pois não existem dados suficientes sobre a espécie e o seu estado de conservação. Todas as outras espécies estão vulneráveis, em perigo ou criticamente em perigo de extinção.

As capturas intencionais ou acidentais durante a pesca, as capturas directas nas praias, a destruição de habitats, o desenvolvimento costeiro, a poluição, e até as alterações climáticas contribuem de forma significativa para a diminuição das populações de tartarugas marinhas em todo o Mundo.



O arquipélago de Cabo Verde é, ainda hoje, um paraíso que acolhe três espécies de tartarugas marinhas. É, aliás, o segundo local do Atlântico Norte onde se registam mais posturas de tartaruga-comum, e um dos seis mais importantes a nível mundial. Foi neste contexto que surgiu, em 2007, o projecto “Protecção e Gestão Integrada de Tartarugas Marinhas em Cabo Verde”, implementado nas vilas piscatórias de Achada Baleia e Praia Baixo, concelho de São Domingos, ilha de Santiago. Desenvolvido pela Universidade do Algarve e financiado pelo Oceanário de Lisboa, este projecto pretende contribuir para a conservação da população adulta de tartaruga-comum que ocorre neste local. Desde o início de 2009, está a ser desenvolvida uma iniciativa semelhante na Ilha do Príncipe, também dinamizada pela Universidade do Algarve, com o apoio do Oceanário de Lisboa. No entanto, naquele

paraíso equatorial a espécie alvo é a tartaruga-de-pente que é, provavelmente, a mais ameaçada a nível mundial. Estes projectos incluem duas componentes principais: a primeira, de acção social, procura alternativas que assegurem a subsistência das populações

Oceanário de Lisboa tem, nos últimos anos, consolidado o apoio a projectos que assegurem a manutenção da biodiversidade e combatam as causas da sua redução. Por esta razão, o apoio a estes projectos de conservação de tartarugas marinhas assume particular relevância.

QUASE TODAS AS ESPÉCIES DE TARTARUGAS MARINHAS ESTÃO NA LISTA VERMELHA DA UNIÃO INTERNACIONAL PARA A CONSERVAÇÃO DA NATUREZA

locais, como o ecoturismo ou o *turtle watching*. A segunda, de cariz conservacionista, tem como objectivo assegurar a preservação destas espécies ameaçadas. Além da missão de sensibilizar os cidadãos em geral para a necessidade de alterarmos os nossos comportamentos visando a conservação da natureza, o

Ao protegermos a tartaruga-comum, em Cabo Verde, e a tartaruga-de-pente, na Ilha do Príncipe, asseguramos a sobrevivência de populações que, na realidade, são únicas no Mundo. Estaremos, desta forma, a contribuir para a biodiversidade do nosso Planeta!





Conservação de tartarugas marinhas

“DAS CERCA DE 300 ESPÉCIES DE TARTARUGAS QUE EXISTEM, APENAS SETE ESPÉCIES SÃO MARINHAS.” TEXTO: OCEANÁRIO DE LISBOA / FOTOS: NUNO LOUREIRO E CAROLINE ROGERS

As tartarugas são animais que desde sempre fascinaram o Homem pelo seu aspecto, longevidade e, nas últimas décadas, raridade. Mergulhar na presença destes animais é uma experiência marcante. Observar a graciosidade da sua natação e a sua beleza é um momento que nunca se esquece. Tal como não se esquece a história de vida destes animais, que habitam os oceanos há milhões de anos.

As tartarugas marinhas são répteis que surgiram há 100 milhões de anos. Resistiram às drásticas mudanças da Terra que levaram a extinções em massa de inúmeras espécies, entre as quais

os dinossauros. No entanto, a sua aparência e forma de vida pouco mudaram até à actualidade.

As tartarugas marinhas estão bem adaptadas à vida no meio aquático: a carapaça baixa e hidrodinâmica, as barbatanas dianteiras largas e achatadas para a natação, e as traseiras que funcionam como lemes são algumas das características que lhes permitem viver há tanto tempo no mar. Têm sangue frio e a sua pele está coberta por escamas. Como respiram por pulmões, as tartarugas marinhas sobem à superfície para respirar de 15 em 15 minutos. No entanto, podem permanecer submersas, em repouso e sem respirar, mais de 1 hora. As tartarugas

marinhas podem mergulhar até profundidades superiores a 200 metros e atingir velocidades de natação superiores a 20 km/hora. A sua vida é marcada pelas migrações de muitos milhares de quilómetros, em especial durante o início da fase juvenil, geralmente ajudadas pelas correntes oceânicas. Mais tarde permanecem em zonas costeiras, onde abunda o alimento. A dieta é diversificada, ao longo da sua vida, dependendo das águas onde se encontram.

Das cerca de 300 espécies de tartarugas que existem, apenas sete espécies são marinhas. Estas pertencem a duas únicas famílias: Dermochelyidae, com uma única espécie representada, a tartaruga

de-couro (*Dermochelys coriacea*), e Cheloniidae, que inclui seis espécies com a carapaça dura. Algumas das características biológicas diferem entre as espécies. Para a maioria, a época de reprodução começa várias semanas antes da época de postura, podendo dois ou mais machos cortejar a mesma fêmea, ocorrendo o acasalamento no mar. A idade de início da reprodução difere entre as espécies. Por exemplo, a tartaruga-de-pente (*Eretmochelys imbricata*) começa a reproduzir-se entre os 20 e os 35 anos, a tartaruga-comum (*Caretta caretta*) entre os 20 e os 30 anos e a tartaruga-verde (*Chelonia mydas*) entre os 25 e os 40 anos.

A maioria das fêmeas adultas volta à praia onde nasceu, ou a uma praia muito próxima, para aí depositar os seus ovos. A época de postura ocorre nos meses mais quentes do ano, e as fêmeas podem fazer entre uma e nove posturas por época, em intervalos de aproximadamente 15 noites. O número de ovos de cada postura varia entre 50 e 200 e a incubação dura entre 45 a 70 noites, dependendo da espécie e das condições ambientais. Um facto curioso é que a temperatura da areia determina a proporção de machos e fêmeas que eclodem. Ninhos com temperaturas mais baixas originam um maior número de machos, e um valor médio de 29°C corresponde a proporções de machos e fêmeas aproximadamente iguais. A temperatura dos ninhos varia com a exposição solar, o arejamento e a humidade da areia e a profundidade a que estão os ovos. Apesar do número de posturas e de ovos depositados em cada época, a mortalidade das crias é muito elevada e apenas uma ou duas em cada mil sobrevivem até à idade adulta.

As tartarugas marinhas sofrem diferentes ameaças que, associadas à mortalidade das crias e ao facto de cada fêmea adulta ter um só ciclo reprodutivo cada 2 a 3 anos, colocam quase todas as espécies na lista vermelha da União Internacional para a Conservação da Natureza. Só a tartaruga-plana, *Natator depressus*, não está incluída nesta lista, pois não existem dados suficientes sobre a espécie e o seu estado de conservação. Todas as outras espécies estão vulneráveis, em perigo ou criticamente em perigo de extinção.

As capturas intencionais ou acidentais durante a pesca, as capturas directas nas praias, a destruição de habitats, o desenvolvimento costeiro, a poluição, e até as alterações climáticas contribuem de forma significativa para a diminuição das populações de tartarugas marinhas em todo o Mundo.



O arquipélago de Cabo Verde é, ainda hoje, um paraíso que acolhe três espécies de tartarugas marinhas. É, aliás, o segundo local do Atlântico Norte onde se registam mais posturas de tartaruga-comum, e um dos seis mais importantes a nível mundial. Foi neste contexto que surgiu, em 2007, o projecto “Protecção e Gestão Integrada de Tartarugas Marinhas em Cabo Verde”, implementado nas vilas piscatórias de Achada Baleia e Praia Baixo, concelho de São Domingos, ilha de Santiago. Desenvolvido pela Universidade do Algarve e financiado pelo Oceanário de Lisboa, este projecto pretende contribuir para a conservação da população adulta de tartaruga-comum que ocorre neste local. Desde o início de 2009, está a ser desenvolvida uma iniciativa semelhante na Ilha do Príncipe, também dinamizada pela Universidade do Algarve, com o apoio do Oceanário de Lisboa. No entanto, naquele

paraíso equatorial a espécie alvo é a tartaruga-de-pente que é, provavelmente, a mais ameaçada a nível mundial. Estes projectos incluem duas componentes principais: a primeira, de acção social, procura alternativas que assegurem a subsistência das populações

Oceanário de Lisboa tem, nos últimos anos, consolidado o apoio a projectos que assegurem a manutenção da biodiversidade e combatam as causas da sua redução. Por esta razão, o apoio a estes projectos de conservação de tartarugas marinhas assume particular relevância.

QUASE TODAS AS ESPÉCIES DE TARTARUGAS MARINHAS ESTÃO NA LISTA VERMELHA DA UNIÃO INTERNACIONAL PARA A CONSERVAÇÃO DA NATUREZA

locais, como o ecoturismo ou o *turtle watching*. A segunda, de cariz conservacionista, tem como objectivo assegurar a preservação destas espécies ameaçadas. Além da missão de sensibilizar os cidadãos em geral para a necessidade de alterarmos os nossos comportamentos visando a conservação da natureza, o

Ao protegermos a tartaruga-comum, em Cabo Verde, e a tartaruga-de-pente, na Ilha do Príncipe, asseguramos a sobrevivência de populações que, na realidade, são únicas no Mundo. Estaremos, desta forma, a contribuir para a biodiversidade do nosso Planeta!

